

Credor americano de menor porte reluta em assinar o acordo

SÃO PAULO — Os bancos de menor porte dos Estados Unidos estão extremamente irritados com o acordo da dívida externa firmado entre o governo brasileiro e o comitê de assessoramento dos bancos credores, que reúne as principais instituições financeiras estrangeiras por região e volume de recursos desembolsados ao Brasil. O representante está fazendo com que esses bancos relutem em assinar o termo de adesão formal ao acordo da dívida, mantendo incompleto o pacote de US\$ 5,2 bilhões em dinheiro novo (o Brasil conseguiu agora 93% do total) a ser emprestado ao país, e alguns poderão até suspender suas linhas de empréstimos de curto prazo.

A irritação, já devidamente transmitida às autoridades brasileiras por um banqueiro paulista que esteve nos Estados Unidos visitando 49 instituições de médio e pequeno porte, surge em razão de que os bancos menores mantêm boa parte do chamado risco Brasil em linhas de curto prazo. O razoável, no entender desses bancos, seria a separação entre essas linhas e os empréstimos com prazo mais dilatado para efeito de cálculo dos novos desembolsos. Pelo acordo, no entanto, ambas modalidades de crédito compõem a mesma massa sobre a qual irá incidir o percentual de 11,4% de contribuição de cada banco para completar os US\$ 5,2 bilhões.

Por essa razão, uma linha de curto prazo de até 180 dias poderá tornar-se um risco de vinte anos, de acordo com o que prevê o documento firmado entre o Brasil e o comitê de assessoramento para o período de carência do dinheiro novo. As autoridades brasileiras argumentaram que nada poderiam fazer, já que o governo não poderia se intrometer nos assuntos do comitê de assessoramento da dívida externa.

Os bancos de menor porte aceitam essa explicação, mas apenas lembram que as dificuldades em assinar o acordo da dívida ainda estão pendentes em função desse detalhe.